A top-down view of a desk. In the center is a silver laptop with a blue screen. To the left is a grey felt folder. To the right is a green folder. In the background, there's a wire basket with scissors and other office supplies. A dark brown banner with orange text is overlaid across the middle of the image.

Nove dicas para professores e pais lidarem com a educação on-line em tempos de COVID-19

Por Laura Coutinho

Qualquer semelhança
não é coincidência

01. Qualquer semelhança não é coincidência

Ana Paula e Miguel são os pais de Gabriela, de 8 anos. Ela, profissional de carreira de um grande banco, ele, designer digital em uma *startup*, e com a pandemia foram convocados a serem os mediadores no processo de ensino-aprendizagem da filha. O pequeno apartamento de 70 m2 foi transformado em escritório e escola, solução que a maior parte dos lares adotou para respeitar o **#fiqueemcasa**. Débora é professora de uma escola de ensino fundamental. Depois de ser rapidamente apresentada a um ambiente virtual de aprendizagem, recebeu a missão de seguir o currículo e o calendário de aulas previsto para o ano. Débora encontra Gabriela e outros 29 alunos numa sala de aula virtual, de segunda a sexta-feira, das 13h10 às 18h30. Ana Paula e Miguel se revezam no acompanhamento e suporte à filha: - "Manhê! O computador tá travando." - "A internet caiu. Corre, pai!" - "Gabriela, sai do chat." - "Presta atenção! A professora tá pedindo para desligar o microfone." A cena se repete diariamente e, embora comecem a se habituar com o processo de educação on-line, a angústia dos personagens dessa história permanece. Gabriela lamenta por estar em casa e ter de estudar sem o contato com os amigos. A aula é chata;

preferiria brincar. Ana Paula tenta dividir o tempo entre trabalho e os cuidados da casa e da filha e lamenta por não conseguir dedicar mais tempo para propor outras atividades a Gabriela. Miguel, mais inconformado, dá *feedbacks* diários à escola, mas nada muda.

Será mesmo que há nada a fazer?



Nem toda história

tem um vilão

02 Nem toda história tem um vilão

Sem dúvida, merece todo o nosso reconhecimento o esforço das instituições de Ensino Básico (Fundamental e Médio) para manterem a continuidade do ano escolar, organizando atividades e cronogramas, escolhendo a tecnologia e, sobretudo, ajudando os professores, num tempo recorde, a colocarem on-line as aulas presenciais. Enfim, em menos de um mês, missão cumprida, tudo pronto para o (re)começo. Mas a euforia e a alegria do primeiro momento duraram pouco! De um lado, pais, principalmente de crianças menores, desesperados, não sabem o que fazer e lutam para assumir um papel até então desconhecido de muitos deles. Chamados de mediadores, tutores, auxiliares do professor, veem-se, de uma hora para outra, mergulhados em um trabalho hercúleo para entenderem como ajudar o(s) filho(s) a: gerenciarem a aprendizagem; usarem adequadamente o computador, a câmera e o microfone (aulas síncronas); estabelecerem a rotina de estudos e de realização de tarefas após a aula etc. Em paralelo a esse drama, os pais passaram a trabalhar em *home office* (diga-se de passagem um trabalho muito maior do que o habitual e, muitas vezes, compartilhando o computador com o filho), a

fazer as tarefas de casa e a administrar as questões emocionais (tristeza, medo, ansiedade) e financeiras da família, que surgiram com a perda de renda e a paralização de muitas atividades. Do outro lado, os estudantes, os maiores interessados, pedem socorro!!! Onde está o problema?

Certamente, o problema não está no uso da tecnologia que, para os alunos, é trivial, mas, sim, no **uso inadequado de certas práticas pedagógicas por meio da tecnologia**. Coube ao professor, doutor da arte de ensinar, adaptar-se à realidade, mantendo vivo o processo ensino-aprendizagem. Sem poder oferecer uma capacitação adequada, a maioria das escolas optou pela transposição da aula presencial para aula on-line, pela facilidade do uso do vídeo para exposição dos conteúdos e atividades, ora síncronas, ora assíncronas. Os professores se esmeram para que as aulas aconteçam, com uma dedicação muito maior daquela que eles têm na sala de aula presencial, mas será que estão alcançando os resultados? Não estamos falando de notas, até porque a aprendizagem acontecerá, e as notas vêm como consequência.

02 Nem toda história tem um vilão

As crianças estarão sempre aptas a aprenderem, em graus e ritmos distintos, basta terem a oportunidade. Estamos falando da satisfação e da alegria de aprender e do desenvolvimento de habilidades, como as socioemocionais, independente da modalidade de ensino. Com cerca de 40 dias letivos, será possível proporcionar uma experiência mais tranquila e significativa de aprendizagem, diminuindo o estresse dos estudantes e dos

pais? Sabemos que a modalidade a distância exige métodos diferentes da modalidade presencial e que uma boa aula não é uma questão apenas de fazer a exposição de um conteúdo e, sim, dos objetivos e da maneira como isso é feito, ou seja, da didática. Não estamos dizendo que os conteúdos não são importantes, mas apenas que não são suficientes por si só.



Sempre há
o que fazer

03 Sempre há o que fazer

Estamos em uma situação emergencial e, nesse cenário atual, não seria razoável fazer propostas que deixem os professores desconfortáveis, exigindo grandes reformulações na maneira de ensinar. Mas o fato é que a educação on-line oferecida tem despertado diferentes sentimentos e frustração nos principais atores envolvidos (estudantes e pais).

Após fazer um levantamento com escolas, pais e alunos, gostaria de sugerir **nove dicas**, principalmente para as aulas on-line das crianças menores do Ensino Fundamental (anos iniciais, 6 a 10 anos).

1.

Adote o lema
“menos é mais”

Estabeleça um currículo mais enxuto. Defina os grandes objetivos de aprendizagem de cada ano e procure trabalhar os conteúdos essenciais (língua portuguesa e matemática, por exemplo). Recebendo informações através de um computador, o esforço cognitivo da criança é muito maior, pois está sozinha e à distância.

2.

Trabalhe assuntos não
essenciais como projetos

Dê um tratamento diferenciado aos assuntos definidos como não essenciais. Eles seriam trabalhados como projetos, com situações baseadas em experiências concretas e nas descobertas espontâneas do aluno. O projeto poderia considerar uma pesquisa orientada ou livre, em que o aluno planeja as ações em busca da resolução de algum problema (perguntas), colhe as informações nas diferentes áreas do conhecimento, utiliza a tecnologia como uma experiência de descoberta, pede a colaboração dos pais, para finalmente chegar a um resultado (respostas). Aprende, portanto, com interesse, de forma transversal e eficaz.



03 Sempre há o que fazer

3. Priorize a criatividade e a mão na massa

Privilegie os conteúdos essenciais e o desenvolvimento de habilidades, ou seja, “saber fazer” e não a “quantidade”, nas atividades complementares, para serem realizadas após a aula.

4. Adapte a matriz de horário e o planejamento estabelecidos para o ano letivo.

Compreenda que certas atividades utilizadas pela modalidade presencial deverão ser excluídas na modalidade a distância, pois exigem do estudante uma autonomia que ele está construindo no percurso do seu desenvolvimento e que será atingida mais adiante.

5. Realize algumas atividades com a participação dos pais

Incentive os pais a viverem com prazer a experiência educacional com seus filhos, como colaboradores e não como pedagogos. Os pais seriam convidados, por exemplo, a participar da pesquisa, ajudando na busca de informações na Internet, ou contribuiriam no contexto das aulas, gravando um áudio ou vídeo sobre um tema do seu interesse ou da área de conhecimento que dominam.

03 Sempre há o que fazer

6.

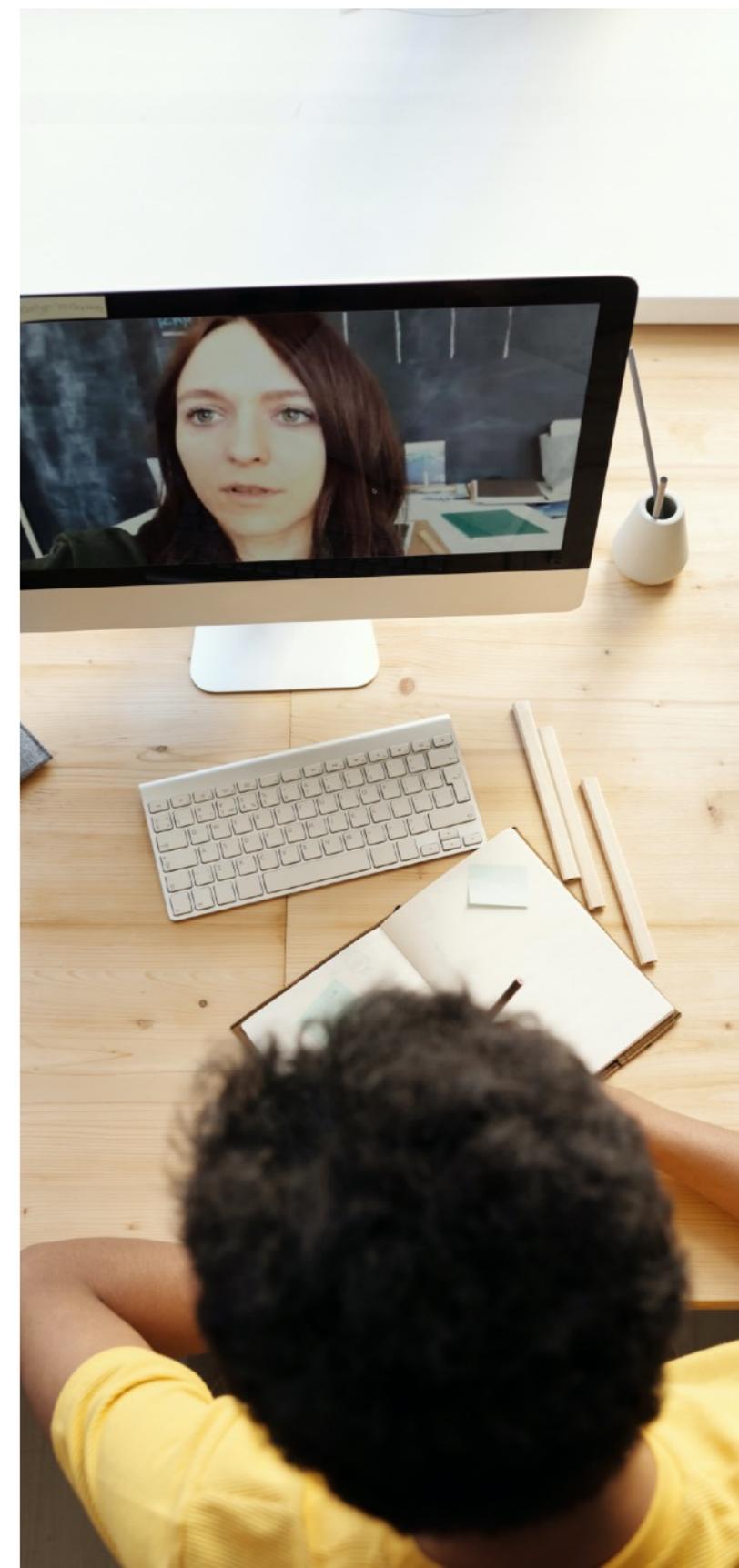
Ofereça uma “aprendizagem flexível” com videoaulas e outras atividades

Para alunos do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, seria recomendado um modelo híbrido, chamado aqui “aprendizagem flexível”.

Na hora da aula definida pela escola, a regente da turma ao vivo faz a abertura, apresenta o plano de aula, o que os alunos realizarão no dia, e convida-os a assistirem à videoaula programada. Nesse momento síncrono da aula, aluno e professor estão juntos no mesmo dia e horário. Essa proximidade pode estabelecer um vínculo do professor com esses alunos, que são menores, e possibilitar aos alunos uma organização do dia.

O aluno, sozinho, assiste à videoaula que apresenta o conteúdo e a explicação da atividade que ele deverá realizar. O professor está disponível para tirar dúvidas, no horário da aula, via o chat do ambiente de aprendizagem. Caso a criança esteja em processo de alfabetização, o responsável digitará a dúvida.

O aluno, no entanto, teria uma outra opção de assistir à videoaula em qualquer hora e lugar, em um momento assíncrono, e postar suas dúvidas; da mesma forma, o professor responderia em qualquer momento. Também seria disponibilizado o plano de aula, como um guia para o responsável conseguir orientar a criança, caso ela esteja em processo de alfabetização.





7. Planeje bem os momentos de interação

Aulas com interação para um grupo de 30 crianças pequenas nas suas casas não são eficientes. Quando o professor direciona a pergunta a um aluno, os demais aguardam sozinhos enquanto o colega liga o microfone, pensa e responde. Isso provoca desinteresse em quem está assistindo. Além disso, por não serem editadas, as aulas com interação, quando gravadas, também não são agradáveis de serem assistidas depois. Momentos de interação podem ser planejados com pequenos grupos de alunos para conversas com o professor, com câmera e microfone ligados.

8. Ofereça aulas mais curtas

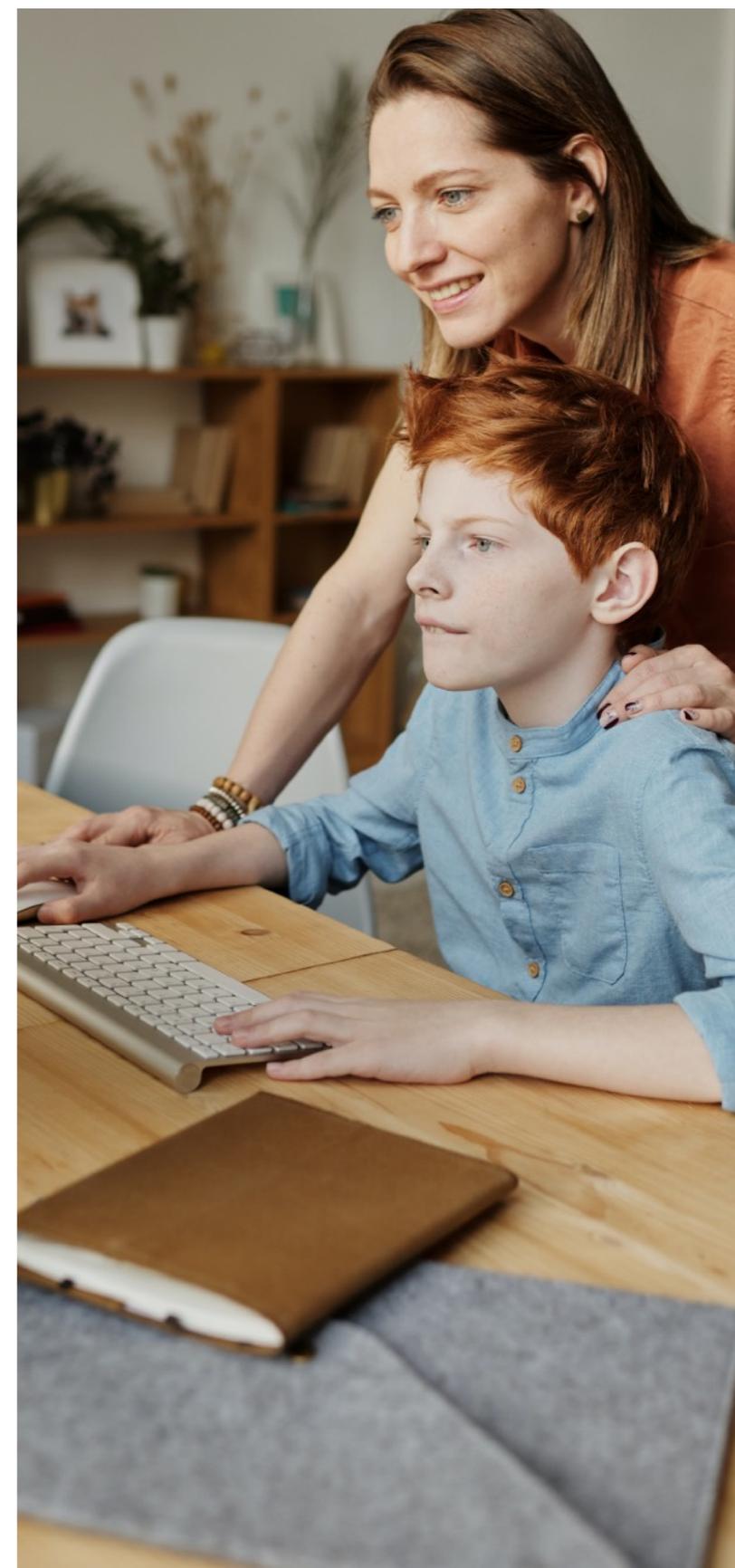
A duração da aula em vídeo, pelo computador, deve ser de 15 a 20 minutos, para alunos menores, e de 30 a 40 minutos, para alunos maiores, para evitar a exposição da criança a um tempo longo e contínuo.

03 Sempre há o que fazer

9.

Juntos somos mais fortes e podemos fazer melhor

Aulas em vídeos demandam clareza, objetividade e motivação quanto à apresentação dos assuntos. Deve-se levar em consideração que muitas vezes esses conhecimentos ainda não fazem parte do repertório do aluno e uma informação nova exige maior atenção do que outra já conhecida. A estratégia de apresentação do novo deve incluir uma contextualização, para que se transforme numa aprendizagem significativa, fazendo com que o aluno não queira sair da frente do computador. O planejamento e a produção de uma videoaula exigem um trabalho mais minucioso. Tendo um grupo de professores do mesmo ano, cada professor poderia preparar e gravar o vídeo de uma matéria ou assunto para todas as turmas daquele ano. O trabalho colaborativo seria menos árduo para o professor e de maior qualidade para todos.



03 Sempre há o que fazer

O que podemos fazer neste momento é aparar algumas arestas para que volte a reinar a paz nas casas, e a boa relação do estudante com o estudo, e um professor mais tranquilo, para que juntos as dificuldades e os receios trazidos com a pandemia sejam vencidos.

E, quem sabe, do “limão podemos fazer uma limonada”, saindo da pandemia com o **conjunto de diferentes boas práticas da educação com uso da tecnologia**, transformando o aparente caos em um instrumento para realizar o sonho de que a almejada educação de qualidade chegue, rapidamente, aos quatro cantos do Brasil. Não podemos perder essa oportunidade!

Se você é professor, coordenador ou gestor de escola, bora botar tudo isso em prática? São ações simples que podem fazer uma enorme diferença.

Já se você é mãe, pai ou responsável por uma criança e se identifica com as situações tratadas aqui, discuta essas práticas com a sua escola. Um debate propositivo é sempre o melhor caminho.

Compartilhem esse material com o maior número de pessoas que puderem e ajudem a colocar uma luz sobre essa questão tão importante para o momento que estamos vivendo.

Laura Coutinho





/laura.maria.coutinho



/laura.coutinho.980



/laura-coutinho-560490

Laura Coutinho é Mestre em Informática pela UFRJ, especialista no uso de tecnologias para educação a distância e presencial. Consultora em processo educacional mediado por tecnologia da informação e desenvolvimento de *learningware*. Membro da ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância. Autora de livros didáticos. Participou da elaboração da ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira nas Escolas e da produção dos livros de Educação Financeira nas Escolas, distribuídos pelo MEC. Criou com um grupo de voluntários o Momento COVID-19, projeto que oferece gratuitamente atendimento emocional e orientação financeira pessoal.

Colaboraram também:

Christianne Bariquelli, comunicadora, generalista em educação e especialista em educação financeira.



/christiannebariquelli

Rodrigo Franco, designer, comunicador, empreendedor, professor e generalista criativo.



/rodrigofranco